

# historia: fronteiras



**Vol. II**

Eunice Nodari  
Joana Maria Pedro  
Zilda M. Gricoli Iokoi  
(organizadoras)

Volume II



# História: Fronteiras

XX Simpósio Nacional da ANPUH

Florianópolis-SC

Julho de 1999

ANPUH

*Humanitas*  
FFLCH/USP

1999

---

## **“ES QUE NOS ES DIGNA LA SATISFACCIÓN DE LOS INSTINTOS SEXUALES?”: AMOR, SEXO E ANARQUIA NA REVOLUÇÃO ESPANHOLA**

---

Margareth Rago  
*Universidade Estadual de Campinas*

**E**m janeiro de 1936, a revista anarquista *Estudios*, publicada mensalmente em Valência, na Espanha, inclui entre os inúmeros artigos que discutem questões de saúde e da moral, uma seção denominada “Consultório Psico-sexual”, aberta aos leitores. Por meio de cartas dirigidas ao dr. Felix Martí Ibáñez, especialista em Sexologia, são apresentados problemas sexuais, sentimentais e afetivos de várias ordens, aos quais o médico procura responder, tentando identificá-los a partir de sua especialidade.

O diálogo aberto entre o médico libertário e os seus leitores na revista é uma das muitas frentes em que ele se engaja, ao pôr em prática aquilo que considera sua tarefa principal: a reforma eugênica sexual na Espanha revolucionária. Segundo ele e seus companheiros libertários, muitos dos quais também médicos, tratava-se de tirar o país do atraso secular em que se encontrava, criando as condições para a transformação dos hábitos da população, para a formação de uma juventude aberta para a vida, livre dos preconceitos e das repressões impostas pelo conservadorismo burguês e pelo obscurantismo religioso.

Focalizo os principais temas que emergem nas trocas e diálogos ocorridos nesse espaço da revista, assim como no conjunto dos artigos aí publicados, entendendo que, ao abordar questões referentes à sexualidade, ao corpo e à moralidade, eles revelam a preocupação dos anarquistas em construir uma nova moral sexual e em transformar as relações de gênero no sentido da emancipação sexual tanto da mulher, quanto do homem. Para além de suas interpretações acerca dos problemas sexuais e amorosos, os libertários expõem

suas práticas e experiências nessa área, constituídas num período bastante denso de nossa história, isto é, durante o período da Revolução espanhola.

Tem tido vários registros dos acontecimentos políticos, econômicos e sociais do período, já que se trata de um dos momentos mais interessantes desse século, em se considerando as criações revolucionárias em múltiplos campos da vida humana, como as coletivizações das fábricas e dos campos e as inovações libertárias na educação e na área da saúde, em várias regiões da Espanha, entre 1936-1939. Mais recentemente, alguns trabalhos ligados à área de estudos feministas, focalizam a experiência das mulheres revolucionárias, sua participação na esfera pública e as questões da moralidade para os anarquistas, durante o processo revolucionário. Martha Ackeslberg – *Free Women of Spain*, de 1991 (Indiana University Press) e Mary Nash – *Defying Male Civilization: Women in the Spanish Civil War*, publicado em 1995 (Arden Press) analisam a atuação das mulheres libertárias durante a Guerra Civil espanhola, procurando perceber em que medida sua presença na esfera pública alterou de fato a dominação masculina, ou abalou os conceitos e valores tradicionais a respeito da divisão sexual dos papéis na sociedade. Mesmo que concluam pelo fracasso das propostas libertárias, esses livros mostram a profunda desestabilização causada pela atuação dos anarquistas naquele período de profunda esperança, em que se anunciava a possibilidade de reorganização da sociedade em bases mais solidárias e criativas.

1180

O objetivo maior deste trabalho é destacar o projeto libertário de construção de uma nova moral sexual, as formas de problematização dos temas apresentados e as respostas sugeridas, resgatando um debate histórico e experiências inovadoras que, como é de se supor, encontraram profundas dificuldades para serem implementadas, numa Espanha profundamente conservadora e religiosa. Ao mesmo tempo, os problemas levantados mostram a permanência não apenas das imagens e metáforas a partir das quais se constrói a experiência sexual, mas ainda a reincidência das dificuldades nesta área, encobertas por um profundo silêncio que apenas começa a ser quebrado em nosso tempo.

#### A REFORMA MORAL DOS LIBERTÁRIOS

A Revolução Espanhola (1936-39) foi o momento privilegiado para que os anarquistas pusessem em prática várias de suas concepções a respeito da construção de novas formas de vida social. Certamente, desde sempre, eles procuraram implementar suas propostas de organização social, questionando o poder em todas as dimensões da vida em sociedade, defendendo a autogestão nas fábricas e no campo, construindo as “escolas modernas”, praticando o amor livre, recusando o casamento civil e religioso, recusando a representação política, em nome da autonomia pessoal. As discussões em torno do amor e da sexualidade ganharam um maior espaço entre suas preocupações, já que seriam fundamentais para a construção de uma nova moral e de um novo homem, livre dos preconceitos, dos tabus, das crenças obsoletas e das repressões sexuais.

Vários temas compõem o repertório das discussões que a revista apresenta mensalmente, entre 1934-1936. “Nova Moral Sexual”, “A educação sexual. A Puberdade”, “O Instinto sexual”, “A mulher e a nova moral”, “O pudor na Bíblia”, “Prostitutas!”, “Juventude e Liberdade”, “O culto fálico na Roma antiga”, “Em torno ao problema eugênico do aborto”, “Uma utopia sexual” são alguns dos sugestivos títulos dos artigos publicados, na grande maioria assinados por homens e por médicos. Uma das poucas escritoras da revista, aliás, é a libertária brasileira Maria Lacerda de Moura, já bastante conhecida em nossos meios.

Esses textos apontam para a construção da sociedade libertária, onde novas formas de amar, de viver a sexualidade, de se relacionar com o corpo, de conhecer o mundo e respeitar o próximo seriam possíveis. Para tanto, seria necessário criar condições de esclarecimento sexual da população, através de cursos e programas de educação sexual, assim como da implantação de postos, estabelecimentos e outras instituições de atendimento prático. Amor livre e plural, divórcio, maternidade consciente, aborto, fim da prostituição e criação de estabelecimentos de higiene para fins sexuais são algumas das propostas apresentadas pelos anarquistas nessa direção.

Sugiro acompanhar por um momento alguns dos temas que emergem nas trocas de correspondência entre o Dr. Ibáñez e seus leitores, em geral, homens e mulheres de várias idades pertencentes ao mundo do trabalho e identificados ao anarquismo. A seção é aberta às cartas dos leitores em janeiro de 1936, afirmando-se como um espaço para consulta de problemas íntimos psico-sexuais com o Dr. Ibáñez. A leitura das cartas enviadas ao longo do ano revela uma forte preocupação com o comportamento sexual das mulheres, seja na perspectiva dos companheiros e esposos que as escrevem, seja na das próprias mulheres. Contudo, isto não significa que os únicos temas abordados refiram-se à mulher, numa atitude explícita de indicar aos homens o caminho para introduzi-la à vida sexual, ou em outras palavras, para ensiná-la a ajustar-se às necessidades masculinas, como vemos nos manuais de “higiene do amor”, publicados em vários países, no período. Trata-se de uma tentativa de promover a interação entre os casais, ou então, de ajudar o indivíduo a encontrar-se e resolver suas dificuldades a partir de conhecimentos bastante especializados na área da psicanálise e da sexologia, de Freud e de Havellock Ellis. Como afirma o Dr. Ibáñez, o consultório é uma espécie de santuário, que visa trazer alívio não mais às “dores espirituais”, mas às “dores sexuais”.

Um dos temas mais freqüentes trazidos nas cartas refere-se à questão da incapacidade de amar das mulheres, ou da frigidez feminina. Assim, a primeira carta apresentada é escrita por um homem de 42 anos, casado há 08 com uma mulher 05 anos mais jovem, lamentando seu fracasso em fazê-la conseguir “o êxtase amoroso no ato sexual”, dificuldade que se acentua após o nascimento do segundo filho.

As respostas do médico mostram as concepções médicas sobre o corpo e as sexualidade da mulher no período. Destinam-se a trabalhadores/as identificados com o anarquismo, o que se deduz pela maneira de apresentação dos leitores como “companheiros”; aliás, o próprio médico coloca-se como um anarquista revolucionário comprometido com a Revolução em curso. Discutindo o problema da frigidez feminina, o Dr. Ibáñez entende que há causas endógenas e exógenas. Estas remetem às dificuldades

masculinas, como ejaculação precoce, ou impotência sexual relativa, ou ainda o uso de uma técnica sexual inadequada, que levaria à insatisfação sexual da mulher. Aconselha o Dr.: “Examine objetivamente sua própria sexualidade, não apenas em sua constituição, mas em sua técnica”, já que “uma preparação amatoria curta da mulher origina nela uma sobrecarga em sua sensibilidade”, que não sendo satisfeita resulta numa grande frustração.

Entre as causas endógenas da frigidez feminina, destaca as alterações endócrinas e sugere a consulta a um especialista. Aí afirma que esta frigidez depois do segundo filho é muito comum nas mulheres e tenta explicar “a influencia anestésica sobre a erótica feminina do nascimento do filho” pelo traumatismo do parto; enquanto defesa psíquica pelo medo da gravidez; pelo deslocamento do potencial efetivo da mãe para o filho.

Em outra carta, revelando a mesma dificuldade em relação ao orgasmo feminino, o médico sugere ao homem que considere o psiquismo feminino. As fantasias criadas desde a adolescência em relação ao ato sexual e ao parceiro provocam um choque no embate com a realidade; portanto, propõe a reversão do quadro apresentado com a ajuda de um psicólogo para que a mulher reverta “as imagens eróticas indesejáveis e as substitua pelas normais, na construção de uma sensibilidade amorosa normal”.

Esboçando um histórico da “evolução erótica da mulher”, recorta três momentos fundamentais: uma fase do auto-erotismo, em que a menina se ama e em que passa muitas horas se adorando no espelho, ou mimando a boneca em que se projeta a si mesma, numa atitude totalmente narcisista. A segunda fase, a da “projeção parental da sexualidade”, marcada pelos complexos de Édipo e de Electra, é um momento heteroerótico, em que a jovem passa a se apaixonar também pelos outros. Já a terceira fase, a da “especificidade erótica”, o objeto de desejo desloca-se para homens específicos. Finalmente, a mulher chega ao casamento e aí emergem os problemas.

É interessante observar a preocupação feminista do médico que, ao contrário do pensamento médico conservador do período, entende que a mulher deve ter direito ao prazer sexual, tema recorrente na literatura anarquista desde o século anterior. Por

isso, prega ele aos seus leitores do sexo masculino: “Se queremos ser homens livres, temos de desejar a liberdade sexual para a mulher em suas experiências amorosas; se desejamos ser revolucionários temos de começar por revolucionar nosso espírito dominando nossos egoísmos”<sup>1</sup>.

Outro tema de discussão remete à menopausa. Respondendo ao leitor aflito diante da ausência de orgasmo da esposa e diante de sua entrada na menopausa aos 40 anos, o Dr. Ibáñez informa que assim “como sucede com sua esposa, não é um fato infrequente em nosso país”. A menopausa é identificada pelo médico como “o ocaso da sexualidade feminina”, momento em que a mulher deixa de ter desejo e capacidades sexuais, que no homem não terão data marcada para acabar. A menopausa, isto é, o momento em que a mulher deixa de ter condições de engravidar é confundida com um período em que morre para a vida sexual, no imaginário médico do período.

Analisando cautelosamente o caso exposto na carta pelo marido angustiado, o médico observa que com um “horizonte sexual” tão triste, pois ela teve cinco partos e nenhum “êxtase” em sua experiência sexual, ela só poderia querer encurtar o “indefeável caminho erótico”, e chegar ao “crepúsculo final de uma sexualidade dolorida e insatisfeita”. Daí a menopausa precoce.

Também dos problemas sexuais masculinos se ocupa o médico anarquista, a exemplo da impotência. De um lado, critica o esposo que, num segundo casamento, como diz em carta, só consegue ter prazer ao projetar a imagem da primeira esposa, já falecida, sobre a segunda, durante a cópula. A este comportamento denomina de “adulterio espiritual” e recomenda uma maior concentração nas qualidades da esposa atual para um desempenho mais positivo.

Mas, a análise se torna mais interessante quando ele discute o “homossexualismo psicológico”, a partir de outro caso exposto em carta. Trata-se de um trabalhador que, passando a frequentar a casa do amigo, estabelece uma relação íntima com sua esposa, de certo modo, com sua própria convicção, já que cada vez mais o marido deixava espaço livre para o amigo. Ao final, ele deixa sua esposa, enquanto o outro busca explicação para o

caso. Para o médico, trata-se de um caso de “homossexualismo psicológico”, propiciado pelo adultério, já que estando vinculado à esposa, o marido consegue atrair outro homem para dentro de sua casa e, indireta ou simbolicamente, relaciona-se com este.

Finalmente, algumas cartas colocam o problema de companheiros fiéis, mas muito interessados pelas figuras femininas nas ocasiões sociais. Ao que o Dr. Ibáñez define como erotomania, comportamento doentio decorrente de um forte sentimento de inferioridade por parte do homem.

### “NEGÓCIOS DO ABORTO”

O tema da legalização do aborto se destaca como um dos mais importantes na reforma eugênica promovida pela Revolução na figura do Dr. Ibáñez, diretor geral do Sanidad e Asistencia Social da Generalidad da Catalunha, ao lado de Federica Montseny, que se torna Ministra da Saúde durante o governo de Largo Caballero. Em dezembro de 1936, é estabelecido um decreto que permite a interrupção da gravidez, “seja qual for a causa que o motive, dando um golpe assim ao curanderismo assassino e dotando o proletariado de um modo científico e eficaz de controlar sua natalidade, sem temor aos riscos que ele poderia trazer (...)”<sup>2</sup>.

Demonstrando o avanço da medida, já conhecida na Suíça, desde 1916, na Checoslováquia, no Japão e na Rússia, durante os anos vinte, o médico anuncia sua adoção na Catalunha, enquanto uma das principais conquistas revolucionárias para as mulheres. Condenando as medidas repressivas do aborto que levavam ao infanticídio e à morte da mulher proletária, afirma que deste modo “o aborto salta da clandestinidade e incompetência em que foi verificado até hoje, e adquire uma alta categoria biológica e social, ao converter-se em instrumento eugênico ao serviço do proletariado”<sup>3</sup>.

Defendendo a importância da “reforma radical”, o doutor mostra que ela permitirá paradoxalmente diminuir a taxa de abortos, já que ao lado dos centros destinados a ele, funcionarão outros destinados à difusão popular de recursos anticoncepcionais, “pois nosso ideal eugênico é que a mulher possua uma sólida cultura eugênica, que lhe permita evitar o aborto e não recorrer

a ele senão como último recurso (...)”. Além disso, a reforma eugênica do aborto, tirando-o das mãos dos charlatães e traficantes de remédios, permitirá reduzir a mortalidade feminina por esta causa. Nesse sentido, ele entende que o projeto valoriza a maternidade e consagra o direito da mulher ao seu próprio corpo: “Saludemos todos, irmãs e irmãos proletários, a reforma eugênica do aborto desde a Consejería de Sanidad y Asistencia social (...). Liberadas sexualmente, as mulheres proletárias serão no futuro as criadoras dessa nova geração de trabalhadores, prenúncios românticos da nova era.”

Ao fazer um balanço das criações revolucionárias da Secretaria da Sanidad y Asistencia Social, na Catalunha, nos meses em que a CNT participa do Consejo de Gobierno, e elogiando fortemente a atuação de Federica Montseny, o médico destaca: a descentralização da Sanidad e a municipalização dos médicos; a constituição de conselhos locais e comarcais, a criação de hospitais intercomarcais; a “socialterapia”, isto é, a reeducação dos doentes, asilados e crianças em centros especiais: “nossos estabelecimentos para crianças substituíram o regime carcerário de antes pela vida livre em regime aberto, com o que o sol que irrompe abundantemente nos estabelecimentos simboliza também a luz que penetra nas velhas normas”. A defesa da “maternidade consciente”, a exemplo do que ocorre na Maternidad de las Corts, caminho para os centros de *birth-control* é outro dos pontos destacados, assim como a instauração dos “liberatórios da prostituição”, casas de recolhimento das mulheres. Vale notar a crítica às teorias “pseudo-científicas” do Dr. Lombroso. Finalmente, o médico defende a criação de consultórios psico-sexuais de orientação juvenil e do Instituto de Ciências Sexuais da Catalunha, onde seriam realizados estudos e pesquisas sobre sexualidade.

Finalmente, os anarquistas ocuparam-se da criação de espaços do prazer sexual. É o que aparece no artigo “Uma utopia sexual”, publicado em janeiro de 1937.

#### “UMA UTOPIA SEXUAL”

O autor, Mariano Gallardo, inicia o artigo perguntando-se por que se critica a busca de prazer sexual: “Es que no es digna

la satisfacción de los instintos sexuales?” Crítica a repressão sexual e afirma suas intenções: “Precisamente o que aspiro com meus estudos sexuais é a criação de uma ética sexual nova e livre, que torne desnecessária a prostituição”. Para acabar com ela, propõe a criação de estabelecimentos sexuais higiênicos, onde homens e mulheres acorreriam quando necessitados. Ele imagina o “motel” de seus sonhos: “Nesses estabelecimentos não haveria como população permanente senão o pessoal médico e os encarregados do estabelecimento(...)”. O pessoal que o freqüentaria seria “móvedigo e transeunte”, formado por indivíduos de ambos os sexos, “sãos e em idade de razão e de expansão voluptuosa”. Os médicos realizariam exames de prevenção e facilitariam o acesso aso métodos contraceptivos. Haveria camas no estabelecimentos e outros objetos considerados necessários para o fim a que se destinam. Finalmente, se viessem além de casais, homens e mulheres desacompanhados, formar-se-iam, dentro do estabelecimento, “casais de amantes para “um momento”. (...) A mulher ou o homem que não encontrassem ninguém de seu gosto, voltariam outro dia (...)”.

Concluindo, Gallardo defende-se ante a possível crítica ao seu projeto, observando estar comprovado que a necessidade sexual nem sempre está unida ao amor e que a juventude não pode receber educação sexual sem os meios para usufruí-la.

#### **FINALIZANDO: ENTRE FRACASSOS E VITÓRIAS**

Os anarquistas foram vítimas de muitas críticas, sobretudo por parte dos historiadores marxistas que, ao abrirem as portas para sua entrada na memória histórica, condenaram-nos aos porões por incapacidade política, romantismo ingênuo e esperança utópica, vale dizer, impossível. Ao mesmo tempo, num momento marcado por esta historiografia, para a qual os temas da sexualidade, do corpo, da mulher não tinham a mesma importância que os temas políticos e econômicos, o projeto de reforma moral e sexual dos libertários certamente passava bastante despercebido ou desvalorizado enquanto puro romantismo. Certamente, cada sociedade escolhe o passado que quer celebrar e a partir de que registros pretende inventá-lo.

Contudo, algumas observações podem nos levar a refletir com um pouco mais de profundidade sobre o projeto social e moral libertário. Ao colocar-se como um pensamento “de fora” e ex-cêntrico, o anarquismo desloca o foco de investimento estratégico do campo da política institucional para o da moral, afirmando que a luta se volta contra todas as formas de poder constitutivas das relações sociais e sexuais. Para Malatesta, aliás, o anarquismo resulta da vontade pessoal e coletiva, de um profundo amor pelo próximo dificilmente captado pelas teorias científicas. Criticando violentamente as instituições, o anarquismo dissolve os enquadramentos identitários que normatizam e sedentizam. A liberdade é, assim, ponto capital nesse pensamento que rejeita a separação entre meios e fins. Nesse sentido, entende que o amor e o desejo escapam totalmente às codificações morais instituídas pela sociedade burguesa desde o século passado.

É claro que, em se tratando de uma moral construída sobretudo nos meios operários, os anarquistas enfrentaram enormes críticas e dificuldades e, aliás, eles mesmos as enfrentaram com a lucidez de sempre. Assim, discutindo o amor livre, “tema delicado y difícil”, uma das principais figuras do anarquismo espanhol, Federica Montseny se pergunta, em “La Mujer, problema del Hombre”, artigo publicado na *Revista Blanca*, em 1932: “quién, hasta ahora, há puesto en práctica el verdadero amor libre?”, que não seja apenas deixar de casar-se no religioso e no civil e mesmo sabendo que “el matrimonio es la tumba del amor.” A relação entre os gêneros “continúa siendo la unión subordinada de una mujer a un hombre, unión más penosa, más coaccionadora de la libertad femenina, porque, al prescindir del beneplácito social, la deja, en la debilidad de su desorientación y del equívoco moral em que ambas morales la colocan, más a merced del varón”. (p.10) O esforço para libertar-se do laço matrimonial “la ofrece temerosa e indefensa al capricho masculino y ante la animosidad familiar y social.” Sem falar “de esse outro amor livre, que consiste en catar mujeres, abandonándolas al cabo de dos meses con la insolencia triunfante del seductor”; ou de uma forma disfarçada de prostituição que praticam algumas mulheres, diz ela. E qual será o futuro do amor, pergunta, deixando

claro sua recusa do “comunismo amoroso”, preconizado por Armand na França. Também acha difícil responder, pois em cada indivíduo, “o amor tem uma manifestação, uma variedade e um conceito”.

Montseny entende que a modernização da sociedade liberou a mulher do domínio do patriarca para colocá-la nas fábricas e oficinas sob o domínio do patrão. Sem modelos, passou-se da mulher francesa para o tipo americano, em que “el pelo corto iguala las cabezas”. Desanimada, diz que não vê solução para o problema dos dois sexos no mundo em que vive, embora aponte “el individualizamiento del amor” como saída. E este exige uma nova mulher, mas também um novo homem.

Os anarquistas pregaram o amor livre, criticando a prisão representada pelo casamento monogâmico indissolúvel; defenderam o divórcio; procuraram resolver o problema da prostituição criando “liberatórios da prostituição”, casas de recolhimento para as mulheres desamparadas. Entenderam que deveria haver espaços especiais para o sexo livre, entendido enquanto uma necessidade humana; legalizaram o aborto, afirmando deste modo poder valorizar a maternidade e deixar com que a mulher decidisse da livre opção pela gravidez.

Muitas décadas depois, salta à vista o pioneirismo de suas propostas, muitas das quais foram incorporadas e são hoje amplamente praticadas em nossa sociedade, sobretudo nos setores sociais voltados à crítica do autoritarismo em suas práticas cotidianas. Outros pontos, a exemplo do aborto e da prostituição, ainda são feridas abertas em nosso mundo e as respostas oferecidas hoje ainda estão muito aquém do patamar estabelecido por esses revolucionários nos anos vinte e trinta. De qualquer modo, as possibilidades históricas estão dadas e se tornam cada vez mais conhecidas, permitindo ampliar o repertório de respostas possíveis que nossa sociedade quer conhecer. Resta saber que mundo, afinal, queremos.

## NOTAS

<sup>1</sup>IBÁÑEZ, Felix Martí. “Las que no saben amar y las que no pueden amar”. In *Estudios*. fev. 1936, nº 150.

<sup>2</sup>*Idem*, jan. 1937, nº 160.

<sup>3</sup>*Idem*.